

COLUNA

Carnaval 2025

IYÁ CHAMOU OXALÁ PRETO REI PRA SAMBAR NA PORTELA DE MILTON NASCIMENTO

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Milton Nascimento já flutuou entre as montanhas de Minas, atravessou os mares de Caymmi e ergueu pontes entre a música e a alma do povo brasileiro. Agora, pousa majestoso na azul e branca de Oswaldo Cruz e Madureira. Em 2025, a Portela se veste de sol e lua para contar a história desse artista que desenhou o Brasil em acordes. Das Gerais ao mundo, sua voz ecoa como um chamado, um canto de liberdade e identidade. Mas o que acontece quando as asas da Águia encontram os versos do menino que carregava a música no peito? Compositor de travessias e encantarias, Bituca – como os mais íntimos o chamam – fez da canção um território sem fronteiras. Ao longo de sua trajetória, reuniu jazzistas e violeiros, ergueu pontes entre o Clube da Esquina e as rodas de samba, e foi tantas vezes chamado de estrangeiro por uma indústria que teimava em não compreender sua grandiosidade.

Agora, sua história será contada nos passos do desfile, entre o couro do surdo e os sopros do trombone. Mas como a Portela traduzirá sua obra em enredo? Que surpresas aguardam os foliões e admiradores desse gênio da música popular? O que esperar? Talvez uma comissão de frente que encene a infância de Bituca, adotado por uma família que o criou entre notas musicais e afetos. Ou quem sabe uma

¹ Professor Assistente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

alegoria monumental, onde um trem atravessa a Avenida ao som de *Ponta de Areia*, evocando as tantas partidas e chegadas que marcam sua obra e a própria história do samba. As surpresas podem vir também na escolha do samba-enredo, que certamente beberá da fonte inesgotável do repertório de Milton. Como não imaginar a Portela abrindo suas asas ao som de *Cais*, transformando a passarela num oceano de sonhos? Ou então, em um momento apoteótico, a escola cantando *Nos Bailes da Vida*, reafirmando que “qualquer dia, qualquer hora” a música encontra seu lugar, tal como o samba, que sobrevive às intempéries e renasce a cada Carnaval. E o que dizer de *Travessia*, hino de resistência e caminhada, tão próximo da luta que a Portela travou ao longo das décadas para manter sua essência e seu legado vivo?

Seja no batuque dos tamborins ou no brilho das fantasias, uma coisa é certa: em 2025, a Águia vai voar mais alto, levando no peito a voz que embalou gerações. O encontro entre Milton e Portela é desses que parecem escritos nas estrelas – ou quem sabe, nos discos que embalaram tantas vidas. A história de Milton Nascimento é um enredo por si só, repleto de encontros, despedidas e renascimentos. Nascido no Rio de Janeiro em 1942, foi adotado ainda pequeno e levado para Três Pontas, em Minas Gerais, onde cresceu entre melodias e afetos. Desde cedo, a música foi seu destino: o menino tímido de olhar profundo encontrava no canto um abrigo e, no violão, um companheiro inseparável. Nos anos 1960, mudou-se para Belo Horizonte e, ao lado de amigos como Lô Borges, Beto Guedes e Wagner Tiso, ajudou a fundar o lendário Clube da Esquina, movimento que uniu o lirismo da MPB à sofisticação do jazz e ao experimentalismo dos Beatles. Sua voz, inconfundível, atravessou fronteiras e encantou gigantes como Elis Regina e Sarah Vaughan. *Travessia*, lançada no Festival Internacional da Canção de 1967, o projetou para o mundo, e a partir dali sua carreira se tornou uma sequência de obras-primas.

Além da beleza estética, Milton sempre carregou uma inquietação social e política em sua música. Durante a ditadura militar, seu álbum *Milagre dos Peixes* (1973) sofreu forte censura, e ele precisou transformar letras proibidas em vocalizações emocionantes. Nos anos seguintes, compôs hinos de resistência, como

Coração de Estudante, símbolo das Diretas Já, e *Canção da América*, que embalou despedidas e reencontros. Com uma carreira que atravessa gerações, Milton fez da sua arte um território de acolhimento, onde cabem negros, indígenas, operários e poetas. Quando Milton encontra a Portela, temos o casamento perfeito de histórias que valem a pena serem ouvidas e sentidas. Falar da Portela é falar de tradição e do coração pulsante de Madureira. Fundada em 1923, a escola é uma das mais antigas do Carnaval carioca e a maior campeã da história, com 22 títulos. Mas a Portela não é apenas números: ela representa um Brasil profundo, de raízes africanas, onde o samba se fez orgulho. Seu azul e branco não é apenas cor, é símbolo de um povo que encontrou na música um caminho para driblar adversidades e transformar dor em festa.

Madureira, bairro que abriga a Portela, também tem sua história marcada por movimento e transformação. No início do século XX, era uma região de chácaras e pequenas fábricas, cortada por trilhos de trem que conectavam a Zona Norte ao restante da cidade. Com a urbanização e o crescimento da população negra após a abolição, Madureira se tornou um polo de cultura popular. O bairro viu nascer o Império Serrano, as festas no Parque Madureira e os tradicionais sambistas que moldaram o gênero, como Paulo da Portela, Monarco e Candeia. A quadra da Portela se tornou um santuário do samba, onde gerações de compositores e ritmistas afiaram seus talentos. Foi ali que o Carnaval ganhou novos contornos, onde inovações como as alegorias monumentais e os sambas de exaltação começaram a tomar forma. Madureira, por sua vez, se consolidou como um centro cultural negro, onde o jongo, o candomblé e o samba se entrelaçaram na formação da identidade carioca. Em 2025, quando a Portela levar Milton Nascimento à Sapucaí, será mais uma página dessa história sendo escrita. Porque Madureira e Bituca têm muito em comum: são territórios de resistência, de poesia e de uma música que desafia o tempo e as fronteiras.

Na letra do samba deste ano, quando a Portela canta *“Iyá chamou Oxalá, Preto Rei pra sambar”*, ela evoca a força ancestral que rege a identidade do samba e da

própria escola. Iyá, termo de origem iorubá que significa “mãe”, pode ser entendido como a figura da ancestralidade feminina, a grande matriarca que conduz os caminhos espirituais. Ao chamar Oxalá, a Portela invoca o orixá da criação, da paz e da sabedoria, aquele que molda destinos e abençoa a caminhada. Mas há algo ainda mais profundo nesse verso. Quando a escola chama Oxalá como *Preto Rei*, ela reafirma a centralidade da negritude na construção do samba e da cultura brasileira. É um canto de reverência ao povo negro, à sua majestade e ao protagonismo que lhe foi negado na história oficial, mas nunca nas rodas de batuque e nos desfiles de Carnaval. É a Portela lembrando que a arte do sambar não nasceu do acaso. Nesse chamado, há um encontro entre o sagrado e o popular, entre a raiz africana e a manifestação carnavalesca. Porque sambar, para nós, não é só dançar: é afirmar existência, contar histórias e perpetuar legados. Quando a Águia entoava esse verso na Avenida, não é apenas um canto – é um grito de pertencimento e memória. Na expectativa por esse desfile, ficamos por aqui com a letra do samba deste ano!

Manhã,

Alvorada das nossas lembranças

Peito aberto, carrego esperança

Do altar de São Sebastião

Estou onde a mãe do ouro me afaga

E fiel abraçado à Águia

Vou partir em procissão

Na fé, que faz do artista entidade

E sagrada as amizades

Ardem vozes, mil tambores

Nas mãos, girassóis na travessia

Minh'alma em cantoria

Vem a tarde, vão-se as dores

Nessa estrada, é sonho, é poeira

Passa o trem azul, sigo em paz

Feito Rio... só me leva Pra Deus filho de Maria

Tantos mares em um cais

E as raízes se juntaram

Na esquina uniram a nação

*Venceram as lutas que travavam
Pra ver Zumbi no céu da canção
Noite apaga o arrebol
Num milagre ser farol
E continuar...
Quem acredita na vida
Não deixa de amar
Dorme a maldade após o temporal
Na bandeira a liberdade, vem Bituca triunfal
Cheguei com meu povo, mesmo sentimento
Onde Candeia é chama
Brilha Milton Nascimento
Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Iyá chamou Oxalá preto rei pra sambar
Anjo negro é o Sol que faz a Portela cantar
Anjo negro é o Sol na minha Portela*